

No Dia Mundial do Teatro, as manifestações se voltam para a manutenção da Casa da Cultura

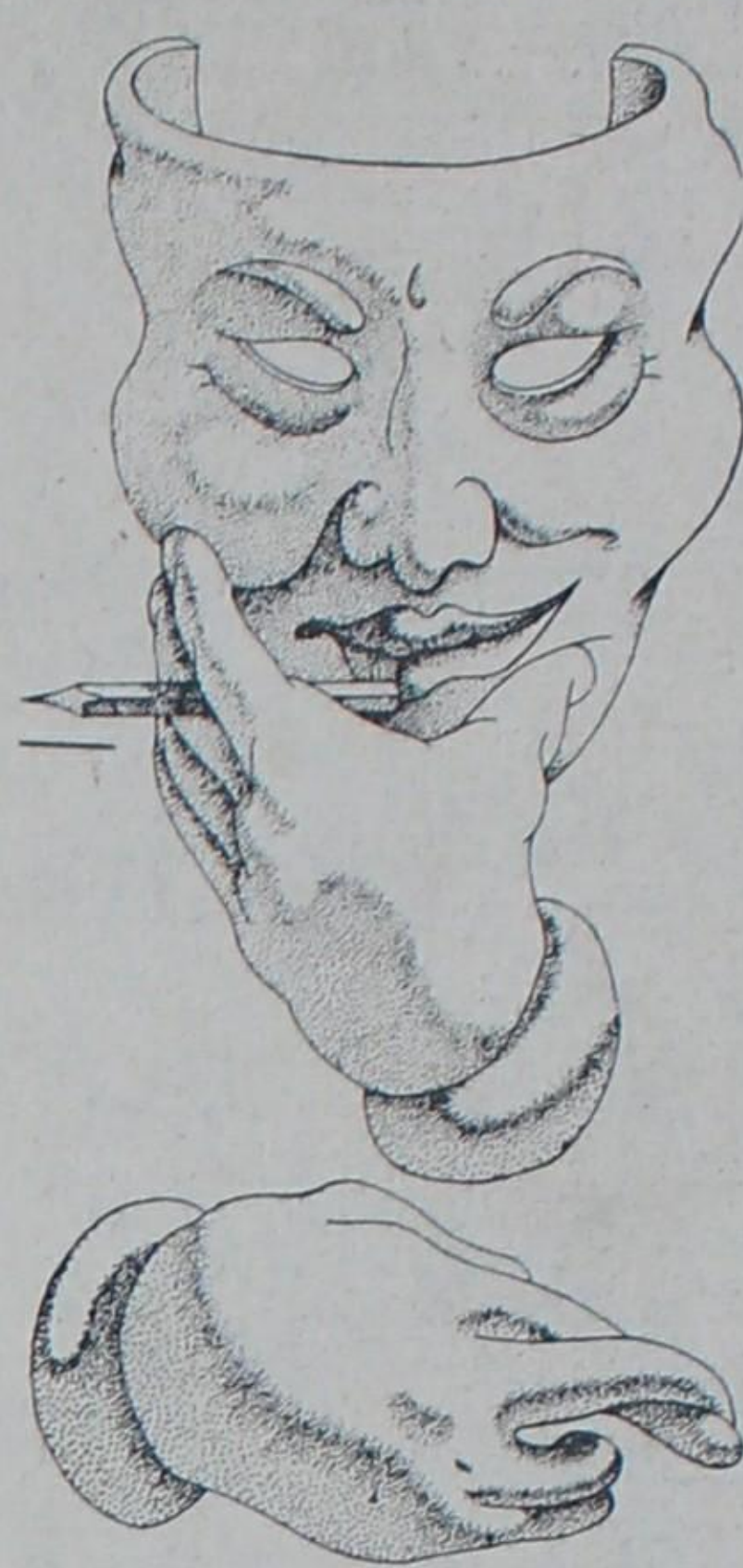
Foto de Ailton Lopes



Deni Gomes: em busca do respaldo popular para defender a Casa



Máscara teatral, afresco de Pompéia (século I a.C) Erich Lessing



Uma arte que necessita da literatura

O teatro é uma das expressões mais antigas do espírito lúdico da humanidade: em todas as épocas e entre todos os povos existe o desejo de desempenhar temporariamente o papel de outrem, fantasiar-se e falar à maneira dele. Esse outro pode ser um deus, o que explica a origem de determinadas apresentações em atos litúrgicos. Mas também pode ser o próximo, que se deseja ridicularizar: é esta uma das raízes dos jogos carnavalescos e da comédia, sem que se exclua, também para esta, uma origem litúrgica.

Com exceção de certas representações mudas ou improvisadas, o teatro não é uma arte totalmente autônoma: precisa, como base, de textos literariamente elaborados. Esses textos literários formam, seu conjunto, a literatura dramática: a tragédia, a comédia, o drama, o teatro inatuit, entre outras.

Mas não são só e exclusivamente literatura: precisa, para sua plena realização, da representação no palco. Não é suficiente a leitura, a não ser nos casos de poemas dramáticos, não destinados para o palco. Grande parte da literatura dramática do passado não pode ser hoje plenamente apreciada, porque as respectivas peças não podem, por este ou aquele motivo, ser representadas no teatro moderno (teatro-espanhol do séc. XVII, certas peças da época elisabetana).

Contra essa relação indissolúvel entre o teatro e a literatura já se pecou muito, e dos dois lados. Durante o século XIX e especialmente na Inglaterra, as peças de Shakespeare foram tratadas, pela crítica literária, como se fossem poemas ou romances destinados à leitura, enquanto os teatros se contentaram com versões abreviadas, mutilando os textos. Só no começo do século XX, Harley Granville-Barker restabeleceu o equilíbrio, explicando os textos pelos seus prefácios críticos e pela interpretação integral no palco, prestando serviço imenso ao teatro e à crítica.

OS TRÊS COMPONENTES

Os personagens centrais de uma representação teatral são evidentemente os atores. Até depois de meados do século XIX o ator era mesmo o principal artista do palco. A partir de 1890, essa situação mudou radicalmente: o papel do líder da representação cabe ao diretor ou encenador e todas as diferentes tendências do teatro moderno cristalizaram-se em torno de diretores como Stanislavski, Reinhardt, Antoine e Granville-Barker, entre outros.

Acima da arte do ator individual está o ideal do elenco chefiado pelo encenador, que inspira e dirige a maneira de interpretação da obra no palco. A cenografia atingiu um primeiro ponto principal nas representações, sobretudo de óperas, na segunda metade do século XVII e no século XVIII, especialmente por arquitetos e pintores italianos.

No século XIX, no entanto, a cenografia entrou em decadência pela obsessão de pintar cenários e criar figurinos autênticos, naturalistas, fiéis ao ambiente da respectiva época, em peças históricas. A cenografia moderna trabalha com recursos mais modestos que a barroca, mas oferece maiores possibilidades à imaginação criativa do cenógrafo, que tem, para a realização de seus projetos, a ajuda eficiente do maquinista e do electricista.

Na estrutura do teatro moderno, cabe ao diretor, através da cenografia, indumentária, iluminação, música, extrair de um texto a sua substância e dar-lhe vida em termos cênicos. Em seu significado moderno, suas funções enfeixam uma variedade de trabalhos, cujo objetivo final é o conceito unitário do espetáculo. Para a consecução desse propósito muitas são as teorias, tanto de diretores quanto de críticos frequentemente contrastantes.

Caderno Dois



Thiago de Melo: homenageado pelos escritores capixabas

Com uma vasta programação as entidades culturais do Estado deram início à zero hora de ontem às comemorações do Dia Mundial do Teatro. Paralelamente a esta programação está havendo uma vigília pela preservação da Casa da Cultura, sob ameaça de fechamento. A entrada é franca.

Não só os grupos de teatro estão mobilizados, mas também todas as demais entidades culturais do Espírito Santo. Os organizadores do evento ressaltam a importância da participação da comunidade neste dia de vigília, "porque só assim o movimento ganhará força e se tornará representativo". Beth Caser, presidente da Associação dos Artistas e Técnicos do Espírito Santo — Apatedes, explica o objetivo da programação cultural:

— "Nós faremos uma vigília de 24 horas, com atividades artísticas das mais variadas. Por isso, a participação da população é fundamental nesse movimento. Somente dessa maneira conseguiremos o total na nossa iniciativa. Acho que a comunidade já está sabendo que a Casa da Cultura hoje está correndo um risco de ser fechada e só uma mobilização forte e organizada nos levará ao nosso objetivo: a preservação de nosso centro de cultura."

Deni Gomes, professora de Literatura e curso de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, e uma presença sempre constante nos acontecimentos culturais de Vitória, lembra que a relação entre a comemoração do Dia Mundial do Teatro e a preservação da Casa da Cultura muito mais ampla do que se pode pensar:

"Não podemos esquecer que, na Casa da Cultura, funciona um teatro e que se não fosse esse espaço for fechado os grupos capixabas, que hoje têm problemas para fazer suas apresentações, ficariam ainda mais prejudicados. Parece até brincadeira, mas estamos lutando para preservar o maior centro cultural do Espírito Santo. Mas não temos a menor dúvida de que, com o

respaldo popular, ganharemos essa guerra", diz Deni, confiante.

Dia 27 (quarta-feira) — De 24 às 5 horas: Roda de samba com a Escola de Samba Monte Belo e Gangazumba; das 9 às 12 horas, Associação Capixaba dos Escritores; Projeção de Documentários sobre Ferreira Gullar e Thiago de Melo (Projeto Encontro Marcado), palestras e debates: A Literatura e o Teatro, com a professora de Literatura Deni Gomes.

A tarde: das 12 às 14 horas: Federação Capixaba de Teatro Amador (Fecat): teatro na rua (improvisações-relâmpago) nos pontos de ônibus e nas praças Costa Pereira, Oito e do Trabalho; das 14 às 15 horas, concerto de piano de Paulo Lima; das 15 às 18 horas: Associação Cultural Afro-Brasileira Gangazumba: mostra de capoeira (comunidades de Santa Rita e Itanhenga).

A noite: das 18 às 19 horas: caminhada cultural em defesa da Casa da Cultura; saída sede passando pelas avenidas Princesa Izabel e Governador Bley terminando na Praça Oito; das 19 às 21 horas: Apatedes: debate cultural, temas: A Cultura e a Nova República, Ameaça à Casa da Cultura, Os Artistas e o Conselho Estadual de Cultura; convidados para este debate cultural: governador Gérson Camata, secretária da Educação e Cultura, Anna Bernardes, secretário da Indústria e do Comércio, Hermes Laranja, prefeito Berredo de Menezes, entre muitos outros. As 21 horas, peça Auto de Telma Maria, de Paulo de Paula, com duração de 20 minutos, baseado no processo da professora Telma Guimarães.

E mais: das 21h30m às 22 horas, ensaio aberto de cenas da peça A Noite das Longas Facas, de Amylton de Almeida, texto premiado no V Concurso Capixaba de Dramaturgia Cláudio Bueno da Rocha, promoção do Departamento Estadual de Cultura (DEC); das 22 às 22h30m: Associação dos Músicos Profissionais do Espírito Santo, Darlison Correa: show musical; das 22h30m às 23 horas, Zé Moreira e Ana Paula (voz e violão); Irineu

Lyra e grupo Aveluz; das 23 às 24 horas, Elias Borges e conjunto.

"Em determinadas épocas a literatura e a realidade se unem e se tocam. O que é desumano e irracional é aceito com tranquilidade, o que ameaça por ser novo é controlado imediatamente, o que representa novos valores, novas aspirações é cerceado violentamente, o que eclode como a maior possibilidade do ser humano, a de poder criar livremente, não é permitido. O homem, então, volta-se para o plano individual, não podendo agir... imagina, muitas vezes se embarça em seus próprios labirintos". (José Luiz Ligiero Coelho, para o espetáculo As Loucuras do Dr. Qorpo Santo, Teatro Mágico, Rio, 1970).

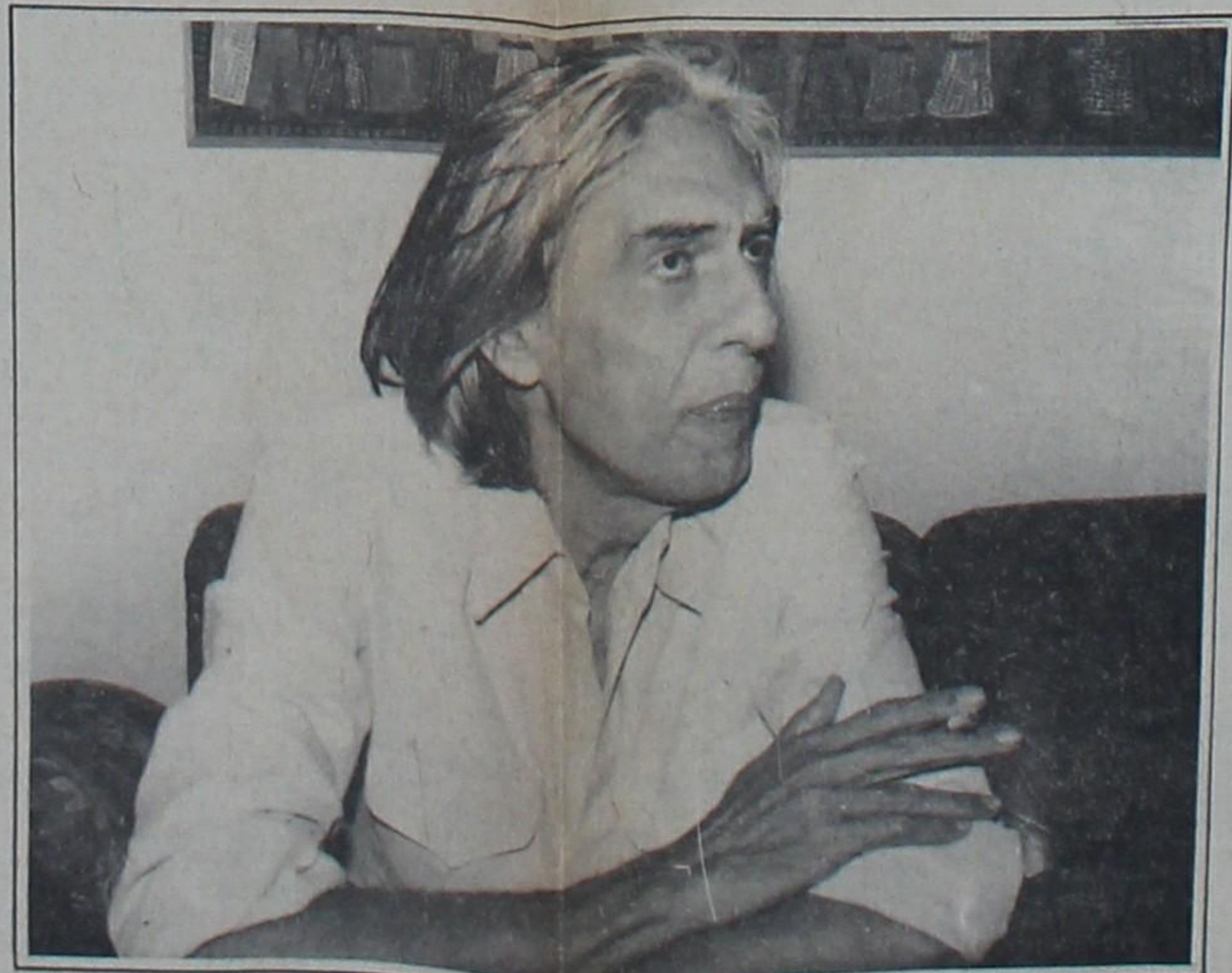
O teatro nacional nunca sofreu uma censura tão violenta como na década de 70. "O dia-a-dia opressivo muitas vezes entravou o processo cultural, enfumacando ainda mais suas tensões estruturais, confundindo e até mesmo aplacando muitas das propostas emergentes por uma arte insubmissa à ideologia dominante".

O pesquisador José Arrabal, ao fazer um balanço mais imediato do teatro na década de 70, chega à conclusão de que "o Estado, com suas características de classe definidas, conforme o modelo que o

regime militar implanta, é o mediador hegemônico da produção teatral, com um programa de ação organizado sob perspectivas de considerável operacionalidade, para o que conta com o apoio dos empresários de espetáculos".

José Arrabal, no seu apanhado histórico sobre o teatro na década de 70, explica que os diretores e autores mais importantes dessa época (ao nível artístico e ideológico) "foram eliminados, não nos campos de concentração, mas no exílio, na humilhação, no desespero e na acomodação".

"O papel exercido pelo Serviço Nacional de Teatro (SNT) em tudo isso é, entretanto, relativo. Honra seja feita a Orlando Miranda: na sua condição de liberal, manteve sempre íntegras suas relações com o teatro do qual faz parte. Jamais, de 74 para cá, o SNT aprovou ou reprovou qualquer montagem pela ideologia expressa em seu contexto. Assim, a omissão e a opção por um teatro falsamente apolítico e na realidade subserviente ao sistema couberam apenas àqueles que consideraram mais fácil aceitar o pacto com o Poder. Tenham eles assim decidido por ignorância, por irresponsabilidade, por má fé ou por falta de clareza.



Ferreira Gullar: um documentário sobre sua obra

TE 3/13
Dia Mundial do Teatro